
CRISE DE IDENTIDADE NA PÓS MODERNIDADE: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DO SUJEITO ¹

Ana CAMARGO²

Juliana TONIN³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Compreender a si mesmo é cada vez mais difícil. Cada indivíduo é formado através de suas vivências e experiências que dependem, por conseguinte, do contexto em que ele se insere, isto é, da época e da sociedade em que está inserido. Assim, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre o processo de construção de identidade do sujeito, traçando uma linha do tempo desde o surgimento dos primeiros anseios pela compreensão de si mesmo até os dias atuais, tentando compreender como se dá o processo de descentralização da formação da identidade desse sujeito, resultando em uma crise de identidade, consequência do cenário pós moderno.

Palavras-chave

Comunicação; Sujeito; Identidade; Pós modernidade.

Introdução

A importância do presente trabalho se dá no processo de centralização do sujeito e como este vem tomando proporções importantes tanto para a sociedade quanto no modo em que é abordado nos estudos das Ciências Sociais. O conceito de *Self*, assim como o funcionamento do processo de deslocamento do papel majoritário do coletivo para o individual, se tornam objetos de estudo para a compreensão da formação das

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduanda do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e-mail: anna25camargo@gmail.com

³ Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Escola de Comunicação, Artes e Design, Famescos, PUCRS. Pós-doutora em Sociologia da Infância. Líder do Grupo de Pesquisa Infâncias, Comunicação e Imaginários (GIM). E-mail: juliana.tonin@pucrs.br. Coordenadora do processo de orientação desse trabalho, no GIM Pesquisa, sob estágio discente de orientação, realizado pela Doutoranda em Comunicação da Escola de Comunicação, Artes e Design, Famescos, PUCRS, Patrícia Ruas Dias. E-mail: patriciaruasdias@gmail.com.

identidades, desde a descoberta do sujeito até os tempos atuais em que eles ainda se redescobrem diariamente.

Diferentes áreas e estudiosos foram influentes para compreensão do conceito de *Self*. Na Psicologia, a visão mais frequente se origina da tradição filosófica que começa em Descartes, passa por Kant e chega em Piaget (OLIVEIRA, 2006). Trata-se do *self* como “si mesmo”, a tomada de consciência de ser uma entidade independente e autônoma em relação ao outro, visto que descreve algo que se passa no interior do sujeito. Já em uma perspectiva mais cultural e social, Nelson (2003) argumenta que o lugar e o grau de diferenciação do *self* na cultura sofrem transformações como resultado de processos históricos. Por essa razão, a perspectiva do homem em cada era — medieval, moderna e pós-moderna — influencia na compreensão de si, do *self* e, conseqüentemente, reflete na formação desse sujeito e de sua identidade (MACEDO; SILVEIRA 2012).

A sociedade vem se construindo e se reconstruindo ao longo da história e, juntamente com ela, cada pessoa tenta formar a sua identidade também. Na idade média, a atenção estava na divindade os costumes eram muito rígidos, visto que eram baseados nos dogmas da igreja católica (ZILLES, 2008, p.30). Portanto, uma vez que não eram permitidos comportamentos e pensamentos opostos aos ditados pelas ideologias divinas que ditavam as regras na época, a formação de identidade do sujeito eram mais engessadas e dependentes aos costumes da sociedade como um todo.

Na modernidade, o poder deixa de ser divino para tornar-se responsabilidade das estruturas institucionais, — capitalismo, industrialismo, vigilância e militarismo — (GIDDENS, 1991) que passam a ser as maiores formadoras dos costumes sociais e, assim, refletindo na formação da identidade dos indivíduos que eram, superficialmente, baseadas nas ideologias das instituições dominantes da época.

Após esse período, as instituições começaram a enfraquecer e a liberdade individual passou a se fortalecer ainda mais. Bauman (2001) diz que as identidades nos tempos líquidos são instáveis, ou seja, tornam-se híbridas. Isso mostra que, as identidades, não mais são construídas, primordialmente, por atribuições coletivas. Entretanto, isso não quer dizer que a identidade seja um processo que desconsidera a influência externa. Ao contrário, o ser humano agora possui mais liberdade de escolher, entre todas as suas experiências e relações, quais dela irão compor a(s) sua(s) identidade(s), visto que a identidade é, justamente, o resultado do processo de

socialização, que compreende o cruzamento dos processos relacionais; sistemas de ação nos quais os sujeitos estão inseridos e biográficos; que tratam da história, habilidades e projetos da pessoa (DUBAR, 1997).

Este artigo, portanto, se propõe a traçar uma trajetória do sujeito, das suas descobertas e redescobertas ao longo da história, através de uma breve pesquisa com as principais características de cada época, compreendendo como as questões que abrangem a identidade e sua formação se revelam.

Para promover um melhor entendimento sobre as reflexões aqui descritas — que abrangem, sobretudo, noções de história e de sociologia — foram desenvolvidas reflexões críticas, tendo como base um referencial teórico, que começa com autores de sociologia clássica, como Max Weber; passa por sociólogos que estudam a cultura e a identidade, como Manuel Castells, Claude Dubar, Anthony Giddens; cita um filósofo fenomenológico, Edmund Husserl; até chegar nos sociólogos da pós modernidade, como Zygmunt Baumann, Gilles Lipovetsky e Stuart Hall.

A modernidade e a descoberta do sujeito

Antes de adentrar nos estudos da pós-modernidade, é necessário situar-se no cenário do período ao qual antecede esse, a modernidade. Ainda que seja um conceito bastante conhecido, com diversos materiais, pouco se sabe, de fato, sobre. Trata-se da época em que ocorreram diferentes descobertas e transformações significativas na sociedade, sobretudo a ruptura dos dogmas medievais. É nesse momento que o homem se coloca como prioridade e resgata o seu lugar como o ser racional que controla e comanda o seu mundo, retomando o seu poder como primordial, que independe da supremacia de uma divindade.

Na era medieval, o conceito teocentrista e a ética com base religiosa dominavam o pensamento do homem (MARCOS COSTA, 2011). A religião e os princípios católicos eram seguidos à risca. Na modernidade, através da inteligência de muitos, o homem pôde inverter esse cenário: surge o antropocentrismo, o ser humano passa a ser o centro da humanidade.

[...] os pensadores renascentistas se identificavam com o chamado humanismo, que eram defensores da visão antropocêntrica. Os humanistas se preocupavam em recuperar obras gregas e romanas

antigas que tinham sido esquecidas [...] Os humanistas renascentistas se interessavam pelos valores do indivíduo de um modo desconhecido da antiguidade ou na Idade Média. Exemplo o filósofo Michael de Montaigne, que escreveu um livro cujo tema era sua própria existência. (SHMIDT,2005, p. 135)

A fé é, pois, deixada de lado e passa a se ouvir a razão. Dessa forma, compreender essa transformação na forma de pensar da humanidade se torna primordial visto que é, nesse momento, que se dá o início da descoberta da ideia de sujeito. Max Weber, um dos maiores nomes da história da sociologia clássica, defende que a modernidade é produto do processo de racionalização que aconteceu no ocidente, desde o século XVIII (WEBER, 1982). As grandes navegações, as invenções tecnológicas, os experimentos científicos, o renascimento e a reforma protestante, são elementos fundamentais para conseqüentes mudanças cruciais, que, por fim, acabam por contribuir e construir a sociedade moderna. A partir desse período marcado por revoluções, que o próprio sujeito dá significado à sua existência (CRUZ, 2011).

A modernidade foi construindo, assim, um personagem independente, livre das pressões tradicionais. Nessa perspectiva, questionamentos como “qual o papel do sujeito na sociedade?” (TOURAINÉ, 1994, p. 218) leva o investigador a buscar respostas nas duas figuras da modernidade, a racionalização — visto que a sociedade baseada na razão, essa passa a ser o alicerce do indivíduo, e a subjetivação, que é nada mais que o nome dado ao processo de tornar-se sujeito.

A pós modernidade

O conceito de pós-modernidade é recente e muito discutido pelos grandes estudiosos do assunto. Entre tantos pensamentos e pensadores — como Lyotard, Lipovetsky, Rouanet, Bauman, Habermas —, torna-se difícil encontrar um conceito universal para o período em questão e adotá-lo como oficial ou verdadeiro.

Historicamente, segundo Perry Anderson, o termo teria origem em 1930, na Espanha. O autor afirma, em seu livro “As Origens da Pós Modernidade” (1999), que o termo teria origem em 1930, na Espanha, por um teórico conhecido como Frederico de Onís. Porém, foi Lyotard, em seu livro “A Condição Pós-Moderna” (1979) que explorou, de fato, esse conceito pela primeira vez: “Nossa hipótese de trabalho é a de que o saber muda de estatuto ao mesmo tempo em que as sociedades entram na idade

dita pós-moderna.” (LYOTARD, 1979, p. 03).

Para Lyotard, a pós-modernidade é um momento em que todas as grandes narrativas entram em crise, como ideologias religiosas, políticas e econômicas. Logo, a grande narrativa se torna um “simples universo linguístico e pragmático” (MARINHO, 2008). Até então, não haviam questionamentos sobre as grandes verdades de cada época — o teocentrismo e a fé, na idade média e o antropocentrismo e a razão, na idade moderna — todavia, agora, se vive tempos em que tudo é passível de questionamentos, inclusive. A falta de certeza na veracidade das grandes narrativas, portanto, indica uma impossibilidade de existir verdades universais, de prever o futuro com certeza filosófica ou científica. Dessa forma, agora, literalmente, resta apenas o presente.

Segundo Machado (2009), na ausência da materialização dos fatos, portanto, o sujeito se encontra em total liberdade dos dogmas passados e dono das suas próprias crenças. Sem existir verdades concretas, não é possível, então, atribuir sentidos universais e, assim, todo e qualquer pensamento pode ser questionado como verdade. Como consequência desse novo cenário, o indivíduo encontra-se perdido em meio às dúvidas e às incertezas, e, sem nenhum alicerce, questiona-se, até mesmo, sobre si próprio. Essa situação, por fim, passa a repercutir no desenvolvimento de uma crise na formação da identidade dos sujeitos nascidos nessa era (MACHADO, 2009).

Para outros autores, como Lipovetsky, esse período nada mais é que uma continuação do processo moderno, marcado pela exacerbação das ideias. Por isso, o presente teórico prefere usar o termo “hipermodernidade”, caracterizada pela busca da satisfação dos desejos próprios em demasia em ritmo acelerado. É a sociedade do excesso e do vazio que pressupõe autonomia e produz novas formas de liberdade.

Com o enfraquecimento de todos os setores da sociedade e, principalmente, do indivíduo contemporâneo, emerge um modo “inédito” de vivência, “numa ruptura com o que foi instituído a partir dos séculos XVII e XVIII”. (LIPOVETSKY, 2005, p. 15).

Bauman, um dos autores mais conhecidos na atualidade por suas teorias na Sociologia pós-moderna, constrói seu pensamento a partir de uma perspectiva sociológica. Esse autor utiliza o termo “Modernidade Líquida”, pois, segundo ele, não há uma clara ruptura, mas uma mudança na continuação da modernidade, em que os preceitos duros, sólidos e sedimentados da época anterior, derreteram-se (BAUMAN, 2001). A modernidade líquida é dita como a exaltação da liberdade individual — ao contrário do período anterior. A segurança, então, foi trocada pela liberdade, e a

liquidez é resultado disso. Liquidez porque se vive na fluidez, na volatilidade, na incerteza, na dúvida, na insegurança.

A pós modernidade é, pois, um aperfeiçoamento da modernidade. Acolhe contribuições — com poderes transformadores para a humanidade —; como o uso prioritário da razão e da descoberta do sujeito, e coloca-as em dúvida, na busca de definições ainda melhores.

Conceito e crise de identidade

A identidade é um conceito que já está sendo estudado já há alguns anos e em diferentes locais do mundo na Sociologia. Ao redor do mundo, alguns teóricos já no século passado já exploravam esse campo, como o judeu Karl Mannheim (1893-1947), o polonês Zygmunt Baumann (1925-2017), britânico Anthony Giddens e o espanhol Manuel Castells, nascido em meados de 1938, entre outros nomes, já buscavam trazer à luz algumas definições sobre identidade. O conceito vem, desde então, traçando seu caminho por diferentes filósofos, sociólogos, antropólogos e, até mesmo, psicólogos. A identidade é formada através de uma relação indivíduo-sociedade, sendo mutável e inclui a noção de identificação e reconhecimento daquele sujeito no coletivo. (HABERMAS, 1988).

O si mesmo, *Self*, sofre transformações ao longo da vida e das experiências de cada indivíduo, mantendo a sua essência pessoal. É possível encontrar nos estudos fenomenológicos pesquisas que defendem melhor essa ideia: “Esse ato passa, mas eu sou e permaneço daqui por diante um eu que decidiu desta ou daquela maneira, [...] enquanto ela [a decisão] é válida para mim, posso voltar a ela muitas vezes” (HUSSLERL, 2001, p.83).

Para a Sociologia, qualquer identidade é uma construção. É um processo que varia de acordo com as peculiaridades de cada indivíduo e da sociedade ao qual ele se insere.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espço (CASTELLS, 1999, p. 23).

Castells defende diferentes tipos de insumos precursores para a formação da identidade do sujeito. A relação do externo com o interno para a identidade é interdependente, pois é resultado da sua visão de mundo do sujeito, mas também reflete o grupo social ao qual pertence que, por sua vez, influencia na formação de sua visão de mundo, visto que todos os materiais que a constroem estão inseridos nessa sociedade, seja ela grande ou pequena. Portanto, não existem identidades individuais que não sejam frutos ou influência da identidade coletiva que cada indivíduo pertence.

Esse processo é consequência de decisões e sentimentos, racionais ou não. É fruto de escolhas que o próprio indivíduo investe na sua formação pessoal. Esta subjetividade sugere a compreensão que cada um tem sobre seu próprio eu, sendo a responsável pelo apego de um determinado indivíduo sobre alguma peculiaridade na sua identidade “As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossa identidade. A subjetividade inclui as dimensões inconscientes do eu, o que implica a existência de contradições.” (WOODWARD, 2000, p.55)

A identidade pode ser construída e reconstruída a partir de outras identidades já conhecidas e existentes. Dubar (1997) traz a ideia de formações identitárias, que são consequentes do processo de socialização, compreendendo o cruzamento entre os processos relacionais (sistemas de ação e interação com outros sujeitos) e biográficos (histórias, habilidades e projetos individuais). Para ele, a identidade de si e a identidade do outro estão atreladas, mas também pode ser assim recusada para criação de uma nova.

Segundo Bauman (2005), a identidade se revela como invenção e não descoberta. É um esforço. É um objetivo. É uma construção. Na modernidade líquida, há uma infinidade de identidades à escolha, e outras para serem inventadas.

O habitat da identidade é o campo de batalha: ela só se apresenta no tumulto. Não se pode evitar sua ambivalência: ela é uma luta contra a dissolução e a fragmentação, uma intenção de devorar e uma recusa a ser devorado. Essa batalha a um só tempo une e divide, suas intenções de inclusão e segregação misturam-se e complementam-se (BAUMAN, 2005 apud FÁRIA; SOUZA, 2011).

Na mesma perspectiva, Stuart Hall traz o conceito que ele denominou como “identidades culturais”, que consiste nos aspectos culturais, étnicos, nacionais, raciais da

identidade que surgem a partir do pertencimento. “Fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.” (HALL, 2006, p. 9).

Essa "desordem" causada pela falta do centro organizador, no entanto, não leva a uma total desintegração, pois os novos vários centros podem ser, no seu conjunto, articuláveis. O deslocamento do sujeito, marca do período pós-moderno, tem certo caráter positivo, pois que desestrutura as identidades estáveis do passado ao mesmo tempo que questiona tais estabilidades e proporciona o jogo de novas identidades (PEREIRA, 2004, p.2).

Essas transformações, pois, estão alterando as identidades pessoais e, conseqüentemente, influenciando a ideia que se possui de sujeito integrado, resultando em uma perda de sentido de si estável, também conhecida como descentralização do sujeito. Esse fenômeno é consequência do duplo deslocamento, tanto do seu lugar no mundo social, cultural e individual, e, assim, estabelece o início daquilo que denominamos como crise de identidade.

A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006. p.7)

Para Woodward (2012) as ‘verdades’ constituídas ao longo da história tradicional foram contestadas. A falta de solidez prova, então, uma crise na formação da identidade desse sujeito que, não existindo mais a possibilidade uma identidade única para todos eles, agora pode ter múltiplas identidades. Assim sendo, passa a existir, doravante, uma crise entre as diferentes identidades.

Considerações Finais

A busca por explicações melhores sobre a essência humana vêm tomando cada vez mais importância para os sujeitos. Entender melhor si mesmo e as questões que envolvem essa problemática complexa é — embora antes fosse, também, presente na história, sobretudo nas questões filosóficas existenciais e fenomenológicas — uma

preocupação muito comum dos tempos pós-modernos, visto que, agora, existe uma maior liberdade de se questionar isso. Tal situação que é consequência da queda de dogmas e verdades universais, nas quais as sociedades adquiriram poder para construir sua própria identidade, pois esta é influenciada pelo momento e local em que o sujeito se insere.

Em contrapartida, os sujeitos, libertos das questões abrigadas por ideologias sólidas, passaram a ter menos acesso a ideias pré-prontas, as quais antes influenciavam diretamente na sua formação identitária. Afinal, após tomar conhecimento sobre as transformações e as revoluções ao longo da história e da sociedade, seria lógico afirmar que isso, de certa forma, isso afetaria para cada indivíduo. Os tempos atuais trazem consigo uma desconstrução na construção desse sujeito que, em meio a tantas opções, não sabe o que quer para si. Esse processo de dúvidas e incertezas, fruto do contínuo anseio em encontrar respostas prontas para perguntas tão complexas, sobretudo em um cenário em que respostas universais para os indivíduos não é mais uma realidade, resulta no que é chamado de crise de identidade.

É importante destacar a relevância de compreender e estabelecer discussões sobre este assunto. Embora diferentes autores sejam conhecidos pelos estudos da contemporaneidade/pós modernidade — como os próprios Baumann e Hall — e os seus respectivos anseios, entretanto, pouco é difundida e, menos ainda, compreendida a sua origem e como isso reflete em cada indivíduo na sociedade. Embora a formação do “eu” ser uma pauta de discussão mais explorada — tanto em leituras aprofundadas na academia quanto em experiências e trocas de ideia pelo senso comum — compreender afundo como se dá o processo de formação do sujeito e o quanto a pós modernidade ocasiona uma crise em sua identidade, ainda é um grande desafio, para qualquer que sejam as áreas de estudo que possuem interesse pelo tema.

Por fim, pode-se concluir, então, que em meio a uma sociedade que se encontra em contínua transformação, o conceito sobre as suas múltiplas identidades, não poderia, por consequência, ser algo estático e/ou universal. Ainda que não exista, pois, uma teoria que explique de maneira mais certa tais definições, a evolução no pensamento do homem refletiu de maneira coletiva e individual, redesenhando a forma de compreender a si mesmo, de tempos em tempos, permitindo em cada redescoberta, ir cada vez mais além.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal Estar na Pós-Modernidade** . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BAUMAN, Zygmunt _____. **Modernidade Líquida** . Tradução Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi** . Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASSIER, Ernest. **A filosofia do iluminismo**. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 1992.^[1]_[SEP]

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: economia, sociedade e cultura** ; v.1. 11. ed. Trad.: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CRUZ, Daniel Nery da. **A discussão filosófica da modernidade e da pós-modernidade**. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/revistalable>> Μετάνοια, São João del-Rei/MG, n.13, 2011.^[1]_[SEP]

DOMINGUES, Ivan. **O grau zero do conhecimento. O problema da fundamentação das ciências humanas** . São Paulo: Edições Loyola, 1991.

DUBAR, C. (1997). **Para uma teoria sociológica da identidade** . Em A socialização. Porto: Porto Editora.

FARIA, Ederson. SOUZA, Vera. **Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores** . Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 15, Número 1, Janeiro/Junho de 2011: 35-42.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. 2.ed. São Paulo: UNESP, 1991.

HABERMAS, Jürgen 1988 – **Teoria de la acción comunicativa** . Madrid, Taurus, Vol II.^[1]_[SEP] HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade** . 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUSSERL, Edmund, 2001. **Meditações Cartesianas: introdução à fenomenologia** . São Paulo: Madras.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos** . Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.^[1]_[SEP]

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna** . 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MACEDO, Lídia Suzana Rocha de; SILVEIRA, Amanda da Costa da. **Self: um conceito em desenvolvimento**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto , v. 22, n. 52, p. 281-290, Aug. 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2012000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 maio 2019. Acesso em 7 de maio de 2019.

MACHADO, Juremir. **Apresentação, Vazio e comunicação na era “pós-tudo”** . In: LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*. Barueri, SP: Manole, 2005, pg. iXXIV.

MARCOS COSTA, Leandro. **Renascimento: do teocentrismo ao antropocentrismo, uma nova visão acerca do homem e do mundo**. 2011. Página Pensamento Contemporâneo. Disponível em: <<http://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=1338>>. Acesso em 7 de maio de 2019.

MARINHO, Cristiane M. **Pensamento pós-moderno e educação na crise estrutural do capital** . Tese de Doutorado. UFC. Fortaleza – Ce, 2008.

Nelson, K. (2003). **Narrative and self, myth and memory: Emergence of the cultural self**. In R. Fivush & C. A. Haden (Eds.), *Autobiographical memory and the construction of a narrative self: Developmental and cultural perspectives* (pp. 3-28). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

PEREIRA, Helder Rodrigues. **A crise da identidade na cultura pós-moderna**. *Mental, Barbacena* , v. 2, n. 2, p. 89-100, jun. 2004 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 maio 2019.

REALE, Giovane; Antiseri, Dario. **História da Filosofia: do humanismo a Descartes** São Paulo: Paulus, 2004. v.3.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal Estar na modernidade** . Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001, p. 9-45

SHMIDT, Mario Furley. *Nova história crítica: ensino médio*. São Paulo: Nova Geração, 2005.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade** . Petrópolis: Vozes, 1994. ZILLES, Urbano. **A modernidade e a Igreja** . Porto Alegre: Edipucrs, 1993.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WEBER, M. **A ciência como vocação: In: Ensaios de sociologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.